

O ATO INTELECTIVO SEGUNDO ARISTÓTELES E SANTO TOMÁS DE AQUINO

WILLIAN KALINOWSKI
SÉRGIO RICARDO STREFLING

Universidade federal de Pelotas – Willianka2013@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – Srstrefling@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muito foi discutido sobre a psicologia na obra de Aristóteles, devido a seus desdobramentos na moral, na epistemologia e seu expressivo viés metafísico. Em nosso estudo, porém, devido ao que nos convém, apresentaremos o processo que conduz o homem ao ato de conhecer no pensamento Aristotélico-tomista, que está intrinsecamente ligado à psicologia. Pela complexidade do tema tomaremos certo caminho. Na antiguidade, autores que precederam a Aristóteles já haviam discutido sobre a existência da alma e sua essência. Para Platão, a alma aparecia como oposta ao corpo. Por outro lado, para os Filósofos materialistas, a alma é reduzida ao princípio físico e até fisiológico. Aristóteles, contudo, nos deixou um pensamento sólido sobre a alma, sintetizando essas duas posições contrárias em um espiritualismo mitigado¹. Analisaremos algumas passagens da sua obra magna sobre o tema, o célebre “De Anima”, com o intuito de contribuir para o estudo clássico da filosofia Aristotélico-tomista. E em seguida, refletiremos com base em algumas passagens da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino.

No De Anima, em particular, encontramos o pensamento maduro do filósofo, naquilo que se tem entendido como sua doutrina definitiva. Vejamos como se segue: Há um princípio em todos os seres vivos, seres animados, que os diferencia dos seres inanimados, esse princípio lhes dá a vida, e esse princípio é a alma. Logo, todos os seres vivos possuem no princípio de sua atividade uma alma. Mas, que é isto, a alma? Aristóteles conceitua a alma como sendo o ato primeiro (ou a forma) de um corpo físico organizado que tem a vida em potência. Essa definição caracteriza a tese helimórfica, isto é, a alma como forma do corpo. Há um movimento da alma sobre o corpo, da potência para o ato. Além disso, o que ainda se pode falar da alma na tese Aristotélica?

Aprofundando nosso estudo da psicologia do Estagirita chegamos em sua doutrina geral sobre a alma. Para compreendermos sua doutrina geral é preciso compreender a celebre distinção tríplice da alma, com efeito, as três “partes” ou “funções” da alma. Henri-Dominique Gardeil fala de uma biopsicologia em Aristóteles. Aristóteles distingue três espécies de seres vivos: os vegetais, os animais e o homem. Comenta Reale:

¹ “Se, por exemplo, formos espiritualistas ao modo de um Platão, de um Santo Agostinho ou de um Descartes, naturalmente seremos levados a assinalar como objeto para essa ciência a atividade da alma considerada a despeito de todo comportamento corporal. Se, ao contrário, partimos de pressuposições materialistas, teremos inversamente a tendência de reduzir o psiquismo ao fisiológico e até mesmo ao físico. Se, enfim, nos colocarmos na linha que é a nossa, a do espiritualismo mitigado de Aristóteles, compreenderemos simultaneamente ao objeto da questão ambos os aspectos.” (GARDEIL, 2013, p. 12)

“É dado que os fenômenos e as funções fundamentais da vida são: a) de caráter vegetativo, como nascimento, nutrição e crescimento, b) de caráter sensitivo-motor, como sensação e movimento, c) de caráter intelectual, como conhecimento, deliberação e escolha; então, pelas razões acima esclarecidas, Aristóteles introduz a distinção de a) alma vegetativa, b) alma sensitiva e c) alma intelectual ou racional.” (REALE, 2012, p. 98)

Seu estudo da psicologia parte do universal para o mais particular, do mundo dos corpos vegetais, sensíveis, para um processo ascendente ao mundo do intelecto humano. Isso será importantíssimo para mais a diante compreendermos a potência intelectual no homem. Aristóteles partindo dessa distinção analisa cada uma destas faculdades separadas, e depois examina aquilo que cada uma delas possui em comum. Aqui não entraremos em maiores detalhes no que trata da faculdade vegetativa e sensitiva, mas, somente o necessário para compreendermos a faculdade própria do homem, a faculdade intelectual da alma. Segundo Aristóteles, é na alma intelectual que acontece o ato intelectual humano, contudo, que é distinto do conhecimento sensível que também os animais possuem. Comenta Reale:

“O ato intelectual é análogo ao ato perceptivo, enquanto recepção ou, assimilação das formas inteligíveis, como o ato perceptivo era um assimilar a forma sensível. Mas o ato intelectual é profundamente diverso do perceptivo, porque não é misturado ao corpo e ao corpóreo” (REALE, 2012, p. 104)

A inteligência humana transcende a capacidade perceptiva sensível. Isto é, de fato, capacidade de conhecer o imaterial é algo diverso e próprio da alma intelectual. Ora, a alma racional, naquilo que lhe é específico, assimila as formas intelectivas dos objetos, isto é, assimila a “pura forma”, a forma despojada da matéria e das condições materiais. Para além das qualidades sensíveis de Pedro, para além da sua singularidade, a alma intelectual consegue perceber o que é comum a todos os homens. Em outras palavras ela capta a ideia, o conceito de homem. Deste modo, começamos a entender como Aristóteles explica o ato intelectual humano. Para Aristóteles tudo se explica pelas categorias metafísicas de potência e ato, as formas puras estão em potência nas sensações e nas imagens da fantasia, porém, é preciso algo que as atualize, para que o intelecto capte sua forma pura em ato imaterial e forme o conceito. Aristóteles no ato de conhecer, fala-nos de um intelecto possível e de um intelecto ativo. Leiamos:

E porque em toda a natureza há algo que é matéria e é próprio de cada gênero de coisas (e isso é o que todas as coisas são em potência) e algo que é causa eficiente, enquanto produz todas, como faz, por exemplo, a arte com a matéria, é necessário que também na alma existam essas diferenciações. E há, pois, um intelecto potencial, enquanto se torna todas as coisas, e, um intelecto agente, enquanto produz todas, que é como um estado semelhante à luz: de fato, também a luz, em certo sentido, torna as cores em potência, em ato. E esse intelecto [isto é, o intelecto agente] é separado e não-misturado, e intacto pela sua essência: de fato, o agente é sempre superior ao paciente e o princípio superior à matéria [...]. Separado [isto é, da matéria], só ele, justamente, é o que é, e só ele é imortal e eterno. (REALE, 2012, p. 106)

O intelecto agente atualiza o intelecto possível. Assim como a visão não conseguiria ver as cores sem a luz, o intelecto passivo permaneceria em potência se o intelecto agente, o iluminando, não abstrai-se das espécies sensíveis as formas inteligíveis, como a luz ilumina as cores para que a visão seja atualizada. Gravada a espécie inteligível, o intelecto possível pode começar a agir por conta própria, a pensar. Esse conhecimento é separado da matéria, se o é, é porque aquilo que o pensou e formou também está despido de condições materiais de existência, logo, o intelecto é imaterial, o que é imaterial, não pode o cérebro nem o corpo criar, por isso, afirma Aristóteles, temos uma operação imaterial intelectiva, que não depende em sua operação própria, ou seja, formar a definição o conceito, não depende mais do corpo nem das imagens sensíveis. Sendo o intelecto agente separado da matéria é então imaterial, o que é imaterial é incorruptível, e o que é incorruptível é imortal. Por isso, Santo Tomás dirá mais adiante, que já em Aristóteles encontramos a certeza de possuímos uma alma imortal. Santo Tomás, é essencial lembrar, foi grande comentador, e ampliador, da doutrina Aristotélica. Muito do que se segue já foi dito acima ou está subentendido na doutrina do Estagirita, pois, sua doutrina sobre o ato intelectual humano tem como fonte, em grande parte, os escritos de Aristóteles.

Em Santo Tomás, o conhecimento humano se dá em dois momentos. No primeiro momento se dá pelo saber sensível, que também é comum aos animais, transmitindo pelos sentidos externos e internos, respectivamente. Porém, o homem vai além, pois, possui a potência da alma chamada Intelecto ou Razão Superior. Este é o segundo momento do ato intelectual humano. Para que o intelecto vá até as imagens sensíveis (Fantasmas), abstraia as imagens em potência e as transforme em ato, que é o conhecimento propriamente dito, Santo Tomás aponta dois caminhos, ou melhor dizendo, que o intelecto possui duas funções, a que chama intelecto agente e intelecto passivo. Escreve Santo Tomás:

“Ora nada passa da potência ao ato senão por meio de um ente em ato; por exemplo, o sentido torna-se em ato pelo sensível em ato. Era preciso, portanto, afirmar da parte do intelecto uma potência que fizesse inteligíveis em ato, abstraindo as espécies das condições da matéria. Donde a necessidade de se afirmar um intelecto agente.” (S. Th. I, q. 79, a, 3)

Assim como Aristóteles, é o intelecto agente que abstrai das coisas sensíveis a sua espécie inteligível e marca, grava-a no intelecto possível/passivo, que a partir de então, começa a atuar e a pensar. Desta forma, segundo Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, o homem conhece.

2. METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa tivemos o estudo das obras mestras, o De Anima de Aristóteles e a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino, seguidos da leitura de importantes comentadores que nos ajudaram no estudo e na compressão do tema proposto para estudo, isto é, sobre a questão do ato intelectual no processo de conhecimento na alma racional humana. Reuniões com o Professor orientador. Utilização de vídeos com intelectuais comentando Santo Tomás na internet. E também matricula em disciplinas onde o tema discutido foi justamente os pensadores que embasam nosso estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dado que, já possuíamos um básico conhecimento sobre a obra do autor, relatamos as primeiras ideias de pesquisa, sobre o tema da psicologia e o ato de conhecer em Aristóteles e Santo Tomás. De modo que, nos indagamos a nós mesmos e depois ao Professor Sergio: Qual das duas faculdades da alma intelectiva possui a primazia, a vontade que persegue o Bem ou a inteligência que aponta o Bem? Porém, com o andar da pesquisa e com uma maior leitura da bibliografia indicada, ou seja, um maior conhecimento do autor, modificamos o foco, neste instante a pesquisa encontra-se em um tema ainda importantíssimo, isto é: como se dá o ato intelectual no homem, como o homem conhece, em sua psicologia e sua epistemologia.

4. CONCLUSÕES

Em suma, o estudo da psicologia em Aristóteles e em Santo Tomás de Aquino nos apresenta vários caminhos. Ainda há muito a ser estudado e a ser compreendido. Queremos entrar no mar pelos rios, por isso, entender como se realiza o ato intelectual humano é de solene importância. Aristóteles é original, Santo Tomás o complementa e o aperfeiçoa. Iniciamos na potencialidade de pouco saber sobre a obra “De Anima” de Aristóteles, porém, fomos atualizando-nos com o desenvolver da pesquisa. Em sua perspectiva mais elevada, Aristóteles disserta sobre a faculdade racional da alma. O homem conhece de maneira diferente da dos animais. Pois possui uma alma que é intelectiva, abstrativa, e portanto, imaterial, e portanto, incorruptível, e portanto, imortal. Em Santo Tomás encontramos muitas particularidades, porém, concluímos que a maneira que Santo Tomás descreve o ato intelectual humano e seus dois momentos, a) um intelecto agente que abstrai das imagens sensíveis aquilo que há de universal a sua espécie, e, b) um intelecto possível, que recebe a imagem inteligível abstraída pelo intelecto agente, estão em plena concordância com o pensamento de Aristóteles. Segundo Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, é desta forma que o homem conhece.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

AQUINO, T DE. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GARDEIL, H.D. **Iniciação à Filosofia de Santo Tomás de Aquino: Psicologia, Metafísica**. São Paulo: Paulus, 2013.

REALE, G. **Introdução à Aristóteles**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.